CORREIO
NO MUNDO

RICARDO STUCKERT/PR



Porta-voz da chancelaria diz que Pequim respeita eleição brasileira

China defende escolha dos brasileiros após Trump alegar fraude

Um dia depois de o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, levantar mais uma vez suspeitas de fraude, sem provas, sobre a eleição que reconduziu Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ao Planalto, a China afirmou nesta terça-feira (27), em contraste, que respeita a escolha do povo brasileiro.

"Nós respeitamos a escolha independente do povo brasileiro", afirmou Guo Jiakun, porta-voz da chancelaria chinesa, ao responder a uma pergunta sobre as declarações de Trump em entrevista coletiva nesta quarta-feira (28).

A frase reforça o que Guo já havia dito na segunda (26), quando foi questionado sobre o pedido do senador Flávio Bolsonaro (PL) para anular o resultado. Na ocasião, o porta-voz afirmou que "a China respeita a escolha do povo brasileiro". Trump só se manifestou sobre o resultado na segunda, um dia depois do segundo turno.

Trump segue atacando eleição brasileira

O presidente americano disse que não tinha escolhido lado na disputa, mas que a eleição lhe passou uma impressão ruim. "Achei que foi uma situação muito ruim. Não tomei partido, mas pareceu mais uma eleição fraudada. Foi uma imagem péssima para o mundo", afirmou. "As eleições precisam ser incontestáveis, e aquilo me pareceu muito ruim. Pareceu tão, tão corrupta, tão terrível". O republicano também mirou a decisão do ministro Cristiano Zanin, do STF (Supremo Tribunal Federal), de estender o horário de votação.

REPRODUÇÃO/ ONU



Sem provas, Trump criticou prorrogação do horário de votação

Presidente americano mudou de tom

"Gosto de Lula, me dou muito bem com ele, mas a prorrogação concedida foi muito estranha", disse o americano. Questionado se pretendia tomar alguma medida em relação ao pleito, respondeu que preside os Estados Unidos, não o Brasil.

O tom, porém, foi diferente do adotado no primeiro turno. Em 4 de outubro, quando Flávio saiu à frente de Lula, Trump exaltou a velocidade da apuração brasileira e a usou como argumento contra o modelo eleitoral dos EUA. Na postagem, trocou o Brasil pela Índia e depois se corrigiu.

Americano acolheu Flávio Bolsonaro

Um dia mais tarde, celebrou o desempenho de Flávio como uma "grande vitória". Depois do segundo turno, o governo americano segurou a publicação de um comunicado em que parabenizaria os brasileiros pela eleição. Na quarta (28), Trump afirmou que aprovaria a entrada do senador no país e disse ter ouvido que ele estava na Argentina.

Por Victoria Damasceno (Folhapress)

María Corina Machado

Após voltar à Venezuela no domingo (25), depois de dez meses no exílio, a líder opositora María Corina Machado voltou a agradecer nesta quinta-feira (29) ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, pela captura de Nicolás Maduro em janeiro e, em seguida, disse que não conseguiu diálogo com Lula (PT), reeleito à Presidência do Brasil.

Defendeu a invasão

Em sua primeira entrevista coletiva desde a volta ao país, Corina disse que a invasão americana de janeiro abriu caminho para a liberdade da Venezuela. Ela também afirmou que pretende voltar a mobilizar a sociedade venezuelana em torno da realização de novas eleições presidenciais. O governo dos EUA, disse, sugeriu que o pleito ocorra no ano que vem.

Países vizinhos

"Quero agradecer ao presidente dos EUA, Donald Trump, ao governo dos EUA e ao secretário de Estado, Marco Rubio, porque, graças à sua visão, à sua coragem e à ação de 3 de janeiro [quando Maduro foi capturado], abriu-se essa passagem para a liberdade", disse. Ela também foi questionada sobre a interlocução com líderes de países vizinhos.

Boas relações

A opositora disse que mantém boas relações com vários presidentes da América Latina, mas que não conseguiu diálogo com Lula. "Tenho uma excelente relação com o presidente da Colômbia, do Equador, do Paraguai, do Chile, da Argentina, da Bolívia, da Guatemala, da República Dominicana e, com certeza, com o presidente do Panamá", disse.

Não com o Brasil

"Falo frequentemente com todos eles, frequentemente. Nunca falei com o presidente Lula, nunca. Essa é a realidade, e acredito que não tenha sido por falta de interesse da minha parte", completou. A relação de Lula com María Corina é marcada por atritos. Em 2024, Lula comparou a situação da opositora à sua experiência em 2018, quando não pôde concorrer.

Novo pleito em 2027

A entrevista ocorreu no momento em que representantes do regime e da oposição discutem o calendário eleitoral do país. A opositora defendeu que as eleições presidenciais ocorram no ano que vem. Segundo ela, Rubio apresentou uma sequência de medidas para conduzir o país a uma transição democrática e propôs a realização de um novo pleito em 2027.

WIKIMEDIA COMMONS



Kremlin se queixa de bombardeio durante a cúpula de países africanos

Drone mata 14 em estação de trem na Ucrânia; Kiev responde

Ucrânia respondeu com maior ataque à Rússia desde o início da guerra

Por **Igor Gielow (Folhapress)**

Um drone russo matou ao menos 14 pessoas nesta quinta-feira (29) numa plataforma de trem em Dnipro, no centro da Ucrânia. Na via inversa, Kiev promoveu na madrugada o maior ataque com aviões-robôs contra o país de Vladimir Putin, que invadiu o vizinho em 2022.

A escalada da violência precede, como já ocorreu em outras ocasiões, a retomada de negociações entre os rivais, o que deve ocorrer sob mediação dos Estados Unidos no final da próxima semana. O objetivo comum é mostrar uma posição de força. A estação foi atingida por um drone a jato, novidade introduzida de forma mais ampla neste ano na guerra pelos russos, bem mais difícil de interceptar do que modelos a hélice. Os russos também foram acusados pela Bulgária de afundar um navio grego com grãos ucranianos perto de sua costa, no mar Negro. Além das vítimas na estação em Dnipro, duas adolescentes foram mortas em uma rua em Chernihiv, no norte da Ucrânia, e três pessoas morreram em ataques a prédios em Kremenchuk.

O ataque a Dnipro ocorreu após uma noite em que as defesas antiaéreas russas derrubaram 1.214 drones, ultrapassando o recorde de 1.100 registrado em setembro. Moscou não divulga quantos não foram abatidos na operação, que deixou danos materiais em várias regiões e matou uma pessoa em Belgorodo (sul).

Mais da metade dos aparelhos foi lançada contra a capital russa, que recebe nesta semana 22 chefes de Estado ou de governo na terceira cúpula de Putin com líderes da África. Para o porta-voz Dmitri Peskov, "é muito estranho" tal ataque neste momento.

O encontro Rússia-África ocorreu pela primeira vez em 2019, e foi considerado um sucesso em um momento em que crescia a interação entre governos do continente e Moscou. Os negócios do grupo mercenário Wagner, então apoiado por Putin, se multiplicaram na região.

Agora, o cenário é diverso. Buscando cumprir a promessa de acabar com a guerra, Trump voltou a ficar ao lado de Putin e pressionar Volodimir Zelenski. Fez um acordo para comprar diesel russo na esperança de baixar os preços nos EUA a tempo de influenciar positivamente o desempenho dos republicanos na eleição legislativa de terça (3).

Seja como for, a suspensão de sanções energéticas estimulou os africanos a buscar mais acordos no campo, além das usuais compras militares.